Uma Reflexão acerca do *Crátilo*, de Platão

A Reflection about *Cratylus*, by Plato

Barbara Melissa Barbosa Marcondes de Almeida[1]
Universidade Federal do Tocantins

Kátia Rose Oliveira de Pinho[2]
Universidade Federal do Tocantins

Resumo: O respectivo trabalho busca refletir, a partir do diálogo *Crátilo,* de Platão, acerca da justeza dos nomes, tema da conversa entre os três personagens (Sócrates, Hermógenes e Crátilo) dessa obra. Partindo das teses temos a convencionalista abordada por Hermógenes e Crátilo defensor da vertente naturalista. Mediando as concepções Sócrates é o credor das essências e sua tentativa é levar os outros participantes da conversa ao verdadeiro conhecimento, que não está no nome enquanto mero instrumento, mas, sim, na abordagem filosófica, a qual Platão utilizou neste diálogo, para expor a sua teoria do mundo das ideias, sendo esta a sua concepção de verdade. A proposta desta reflexão acerca do diálogo *Crátilo* de Platão é estabelecer uma relação entre a *justeza dos nomes* e a concepção platônica, além de abordar a maneira "oracular" que Crátilo, a personagem, é tratado em relação ao aposto à *justeza dos nomes*.
Palavras-chave: Crátilo. Justeza. Diálogo. Platão.

Abstract: This work intends to reflect, from Cratylus dialogue by Plato, on the precision of names, which is the topic of a conversation among the three characters in this work (Sócrates, Hermógenes and Cratylus). Starting from the existing thesis, there is the conventionalist one approached by Hermógenes, and Cratylus, who advocates the naturalistic strand. Mediating conceptions, Socrates is the creditor of essences attempting to lead the other participants in the conversation to true knowledge, which is not embedded in the name as in a mere instrument, but rather in the philosophical approach, which Plato used in this dialogue, to expose his theory of the World of Ideas, his conception of truth. The purpose of this reflection on Plato's *Cratylus* dialogue is to establish a relationship between the correctness of names and the Platonic conception, in addition to addressing the "oracular" way that Cratylus, the character, is treated in relation to the apposition to the *precision of names*.
Key-words: Cratylus. Precision. Dialogue. Plato.

Submetido em 07 de outubro de 2016.

Aprovado em 17 de novembro de 2016.

[1] Graduada em Letras – Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas pela Universidade Federal do Tocantins – UFT/2016.
[2] Professora Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/2009. Orientadora do respectivo trabalho, atua como professora na UFT – Universidade Federal do Tocantins.

Introdução

Platão, filósofo que retratou a prática da oralidade e a utilizou para compor seus diálogos, inovando a escrita de sua época questionou quase tudo que conhecia, porém, ainda não havia se perguntado sobre a justeza dos nomes. A partir desta questão, e da concepção platônica de verdade, nasce à reflexão acerca do *Crátilo*.

Um dos principais diálogos de Platão, que através da conversa entre Crátilo, Hermógenes e Sócrates, aborda a arte da dialética a partir das teses opostas apresentadas na obra. Seguido do aposto, *"A Justeza dos Nomes"* ou a *"Correção dos Nomes",* o *Crátilo* é um diálogo totalmente provocador que gera a reflexão e nos faz entrar em consonância com nós mesmos e gerar pensamentos e indagações, as quais nos possibilitam um leque de desenvolvimento essencial para nosso crescimento e aprendizado.

Fazemos o uso de nomes e de palavras o tempo todo, mas nunca paramos para nos perguntar se um determinado objeto recebeu o nome adequado ou se o nome de uma pessoa condiz com o que ela realmente é. E menos ainda se esse nome é justo a ela, ou ao objeto a que foi nomeado. Desse modo, *Crátilo* abre um vasto percurso para reflexão acerca dos nomes e às teses nesse abordadas.

A partir dos enfoques naturalista e convencionalista, teses defendidas no diálogo em estudo. Hermógenes acredita nos nomes a partir de um consenso, seguindo a linha convencionalista e Crátilo naturalista, este também é como um "oráculo" o qual acredita em uma suposta "justeza dos nomes", ponto de partida que envolve o tema da conversa nessa obra platônica, as quais são exploradas neste trabalho com a apresentação de excertos da obra. Desta forma, é possível discorrer acerca do posicionamento de Hermógenes e Crátilo sobre os nomes, esses são discutidos através de uma troca de conhecimentos que é intermediada por Sócrates pela arte da dialética.

Por admirar a forma do discurso, decorrente no embate das teses mediadas por Sócrates, surgiu o desejo de refletir sobre este diálogo platônico, que contém reflexões sobre os nomes e seus respectivos significados, não tão somente de maneira etimológica, mas pela perspectiva das ideias de Platão, além de ser o primeiro diálogo elegido pelo autor, que através do personagem Sócrates faz alusão à teoria das formas.

A obra *Crátilo* não é tão somente um ponto de partida para reflexão sobre os nomes, pois esta une a filosofia platônica de ideia, a qual se liga diretamente no mundo Inteligível e neste se contemplam todas as verdades. A tentativa é propor a relação entre

a justeza dos nomes e a concepção platônica das ideias, além de uma leitura acerca do silêncio, em que Crátilo está envolvido em boa parte do diálogo.

1. Platão: Vida, Teorias e Obras

Aristócles, mais conhecido como Platão, foi um filósofo ateniense que recebeu tal apelido devido ao seu porte físico, ombros largos ou costas largas, *platos* em grego significa "largueza". O pensador grego viveu por volta de 428 e 348 a.C, legando-nos diálogos estudados até os dias atuais.

Platão foi discípulo de Crátilo, seguidor de Heráclito de Éfeso, um dos pré-socráticos cujo pensamento serviu de base para uma das principais teorias platônicas: o mundo sensível em oposição ao mundo das ideias. Para Heráclito o princípio de tudo se liga a transformação, mudança, ou seja, a *arkhé,* princípio pelo qual tudo vem a ser no universo, rege todos os momentos da existência de todas as coisas; no início, no desenvolvimento e no fim de tudo, ou seja, o fluxo contínuo existente na natureza. Assim, como a chama de uma vela que parece ser a mesma, na verdade a cada segundo que nosso olhar dirige-se para a chama, ela não é a mesma, ela muda constantemente e consome a vela, como nos diz Heráclito (2005, p. 71) no fragmento 49: *"No mesmo rio entramos e não entramos; somos e não somos",* uma vez que as águas do rio são a nosso juízo uma metáfora para o universo que se modifica constantemente. Mas o que gera tal mudança segundo Heráclito?

A tensão entre elementos opostos, que ao mesmo tempo em que estão em contraste, também se complementam como, por exemplo, a harpa e as cordas, o arco e a flecha. A harpa sem as cordas se torna amorfa sem a música, sem utilidade. Da mesma forma, as cordas sem a harpa; ambas precisam uma da outra para causar a musicalidade que somente a junção da corda com a harpa irá provocar. As cordas podem até ser colocadas em outros instrumentos, porém, a sonoridade da harpa só acontece a partir da tensão entre o encontro das cordas com a harpa. Pensar o arco e a flecha como dois objetos opostos devido suas formas contrapostas, (puxa - para um lado/ lança - para o outro), porém ao se encaixar vão em direção ao mesmo alvo, nessa perspectiva são complementares.

Diferente de Heráclito, o pré-socrático Parmênides é o oposto afirmando que nada muda. E justifica isso dizendo: *"O Ser é, e não pode não-Ser"* (RIBEIRO, 1988,

p.22). Parmênides racionaliza o pensamento de Heráclito, baseando-se no princípio de identidade, afirmando que o ser é único, portanto, é impossível haver dois seres iguais.

> Suponhamos que haja dois seres; pois, então aquilo que distingue um do outro "é" no primeiro, porém "não é" no segundo. Mas, se no segundo não é aquilo que no primeiro é, então chegamos ao absurdo lógico de que o ser do primeiro não é no segundo.Tomando isto absolutamente, chegamos ao absurdo contraditório de afirmar o não - ser do ser. (MORENTE, 1990, p.73).

A filosofia de Parmênides adquire consistência quando vista, juntamente, com a de Heráclito, pois dentro da ideia do devir/fluxo de Heráclito, Parmênides supõe que falta uma base racional em sua concepção esta seria o próprio Ser, sendo assim:

> Platão considerou que Heráclito tinha razão no que se refere ao mundo material e sensível, mundo das imagens e das opiniões. A matéria, diz Platão, é por essência e por natureza, algo imperfeito, que não consegue manter a identidade das coisas, mudando sem cessar, passando de um estado a outro, contrário ou oposto. O mundo material ou de nossa experiência sensível é mutável e contraditório e, por isso, dele só nos chegam às aparências das coisas e sobre ele só podemos ter opiniões contrarias e contraditórias. Por esse motivo, diz Platão, Parmênides está certo ao exigir que a filosofia deva abandonar esse mundo sensível e ocupar-se com o mundo verdadeiro, invisível aos sentidos e visível apenas ao puro pensamento. O verdadeiro é o Ser, uno, imutável, idêntico a si mesmo, eterno, imperecível, puramente inteligível. (CHAUÍ, 1995 p. 212).

Baseado nas teorias de Heráclito e Parmênides, Platão desenvolveu a teoria da existência de dois mundos, o qual chamou de mundo sensível e mundo inteligível. Platão acreditava em algo que antecede a nossa existência. Antes de termos esse corpo materializado, nossa alma era moradora do mundo das ideias, o mundo da perfeição.

Segundo Platão, a alma tem um conhecimento inteligível, no qual se tem por completo o saber de todas as coisas, é o plano da pura permanência, neste as ideias são *"Protótipos, Formas, modelos únicos e perfeitos de todas as coisas que existem"* (RIBEIRO, 1988, p.43).

Entretanto, quando nossa alma, segundo a ideia platônica, ganha um corpo no mundo sensível, ela passa por um processo de esquecimento e de acordo com sua teoria da reminiscência, o que foi adquirido pelo conhecimento no mundo inteligível pode ser rememorado pela dialética, através do artifício mútuo de aprendizado com o outro.

O método dialético é a tentativa de promover a reflexão a partir do embate de teses, enquanto arte do diálogo da contradição, verdadeira essência da dialética. Platão escreveu grande parte de suas obras em diálogo, oriundo do grego *diálogos, conversa*:

dia- com, *logos-* palavra, discurso. Desta forma, a etimologia do vocábulo diálogo consiste no intercâmbio verbal entre duas ou mais pessoas, ou personagens (MOISÉS, 1974).

Platão forja suas obras sob a forma de diálogos, os quais transmitem sua filosofia. Deixou cerca de trinta e seis diálogos e treze cartas, dessas não se sabe ao certo a autenticidade. O conjunto de sua obra foi publicado em diversas épocas, sem data precisa. Os escritos que nos chegaram tiveram uma organização clássica em tetralogias e isso se deve ao gramático Alexandrino Trasilo De Mendes (REALE, 1990).

> Portanto, as tetralogias dos diálogos platônicas organizadas por ele as obras assinaladas com **(*)** tem autenticidade duvidosa e as obras assinaladas com **(**)** são consideradas apócrifas:
> I. Eutífron, Apologia de Sócrates (monólogo), Críton, Fédon;
> II. Crátilo, Teeteto, Sofista, A Política;·.
> III. Parmênides, Filebo, O Banquete, Fedro;
> IV. Alcibíades I (*), Alcibíades II (**), Hiparco (**), Os Amantes (**);
> V. Teages (**), Cármides, Laqués, Lísis;
> VI. Eutidemo, Protágoras, Górgias, Menon;
> VII. Hípias menor (*), Hípias maior, Ion, Menexeno;
> VIII. Clitofonte (*), A República, Timeu, Crítias;
> IX. Minos (**), As Leis, Epinomis (**), Cartas (*). (REALE, 1990, p. 127).

A maioria dos diálogos platônicos são acompanhados de aposto ao lado do nome da obra, esses, são utilizados para apresentar o tema tratado no diálogo do respectivo nome, alguns exemplos de obras em que Platão utilizou o aposto além do *Crátilo* – Justeza dos Nomes, *Eutífron* – da religiosidade, *Críton* – do dever, *Fédon* – da alma, entre outros.

2. O Diálogo *Crátilo,* de Platão

A Obra *Crátilo juntamente com Teeteto, Sofista e Político fazem parte da segunda tetralogia,* de acordo com a divisão feita por Trasílaco de Mendes no século I (REALE, 1990). *Crátilo*, oriundo do grego Κρατύλος é a obra que apresenta o diálogo entre Sócrates, Hermógenes e Crátilo, que versa sobre a justeza dos nomes, ou seja, quais os critérios que estabelecem a relação entre nome e coisa nomeada.

O diálogo platônico aborda duas teses centrais: a naturalista e a convencionalista. A primeira defendida pelo personagem Crátilo e a segunda por Hermógenes. Sócrates é o personagem que apresenta questões aos defensores de suas

teses. Ele inicia uma conversa, com a pretensão de que os personagens, Hermógenes e Crátilo, sejam levados a uma nova percepção do que estava sendo defendido.

Após a reflexão dos argumentos socráticos, deveriam chegar a um êxtase, no qual reconheceriam que estavam acreditando em conceitos mal formulados e obscuros, aprendendo assim, com seus semelhantes, através da dialética, que carrega em si o significado de perguntar, visando questionar o interlocutor, não no intuito de constrangimento, mas, sim, de levá-lo a purificação de seus pensamentos, de modo que esses viessem a descartar as supostas ilusões que o fariam permanecer sempre em um estado de aporia. A dúvida racional, ou aporia, segundo Abbagnano (1998), é uma dificuldade inerente a um raciocínio, que não seria o estado subjetivo de incerteza, mas, a dúvida objetiva, a dificuldade efetiva da conclusão, acerca da oposição entre as teses convencionalista e naturalista.

O diálogo começa com Sócrates sendo convidado para integrar a conversa. Situado por Hermógenes, sobre o tema do diálogo Sócrates tenta interpretar, o "oráculo de Crátilo"[3], um personagem enigmático, devido à maneira que se porta em relação à uma suposta verdade nos nomes. Assim, se evidencia no respectivo trecho:

> 383b *Hermógenes* – **Sócrates**, o nosso **Crátilo sustenta que cada coisa tem por natureza um nome apropriado** e que não se trata da denominação que alguns homens convencionaram dar-lhes, com designá-las por determinadas vozes de sua língua, **mas que, por natureza, têm sentido certo, sempre o mesmo,** tanto entre os Helenos como entre os Bárbaros em geral. **Perguntei – lhe, então, se, em verdade, Crátilo era ou não o seu nome**, ao que ele respondeu **afirmativamente**, que assim, de fato, se chamava. **E Sócrates? Perguntei. É Sócrates mesmo, respondeu. E para todos os outros homens, o nome que aplicamos a cada um é o seu verdadeiro nome? E ele: Não; pelo menos o teu, replicou, não é Hermógenes, ainda, que todo o mundo te chame desse modo. E como eu insista em interrogá-lo, desejoso de apanhar o sentido do que ele diz, não me dá resposta clara e ainda usa de ironia, como querendo insinuar que esconde alguma coisa de que tenha conhecimento, que me obrigaria – no caso de resolver-se a revelar – ma – a concordar com ele e a falar como ele fala. Por isso, se tiveres meio de interpretar o oráculo de Crátilo, gostosamente te ouvirei. Porém com maior prazer, ainda, ficarei sabendo o que pensas a respeito da exata aplicação dos nomes, se isso for do teu agrado.** (PLATÃO, 1988, p. 102) (Grifo nosso).

De acordo com o trecho percebe-se a insistência de Hermógenes tentando dialogar com Crátilo, porém este obteve mais dúvida, sobre o seu próprio nome. Todavia, não desistindo de querer saber sobre o que Crátilo subentende a respeito da existência de uma verdade, entre o nome e as coisas, Hermógenes solicita a Sócrates essa ajuda, para assim ambos: 384b *"carregarmos esforços para saber quem está com a*

[3] Termo utilizado por Hermógenes para se referir a Crátilo por não conseguir entendê-lo.

razão: tu (Hermógenes) ou Crátilo." (PLATÃO, 1988, p. 102), desta forma, Sócrates induz Hermógenes a expor o seu pensamento, que então diz:

> 384 d II *Hermógenes* – Por minha parte, Sócrates, já conversei várias vezes a esse respeito tanto com ele como com outras pessoas, sem que chegasse a convencer-me de que a justeza dos nomes se baseia em outra coisa que não seja convenção e acordo. Para mim, seja qual for o nome que se dê a uma determinada coisa, esse é o seu nome certo; e mais: se substituirmos esse nome por outro, vindo a cair em desuso o primitivo, o novo nome não é menos certo do que o primeiro. Assim costumamos mudar o nome de nossos escravos, e a designação não é menos acertada do que a primitiva. Nenhum nome é dado por natureza a qualquer coisa, mas pela lei e o costume dos que se habituaram a chamá-la dessa maneira. (PLATÃO, 1988, p.102).

Essa é a tese defendida pelo personagem Hermógenes: a primeira doutrina do convencionalismo da linguagem, pois segundo Parmênides as *"palavras nada mais são do que coisas ilusórias"* (ABBAGNANO, 1998, p.616). Podendo ser nomes atribuídos verdadeiros, mas provenientes de uma convenção estabelecida entre homens. A partir desta mesma linha de pensamento é justo haver diversas coisas com um mesmo nome, como também uma única chamada por vários nomes. Essa discussão é abordada por Hermógenes, quando ele informa seu ponto de vista em relação aos nomes:

> 385e *Hermógenes* - Posso designar qualquer coisa pelo nome que me aprouveres dar-lhes, e tu, por outro nome que lhe atribuíres. O mesmo vejo passar-se nas cidades, conferindo por vezes cada uma aos mesmos objetos nomes diferentes, que variam de Helenos para Bárbaros (PLATÃO, 1988, p.105).

Na concepção de Hermógenes, o nome é atribuído às coisas da maneira que foi convencionado como certo. Havendo necessidade de mudança e adequação desse nome, esta deve ser a ele atribuída, todavia, um nome não passará a ser certo e o outro errado, ambos serão nomes do mesmo objeto. Portanto, para ele, o critério é o hábito, pois em sua concepção, nada tem um nome correto e por isso defende a tese convencionalista, segundo a qual o nome de algo consiste em um acordo, uma convenção que permite a mudança do nome sempre que houver necessidade.

Porém, Sócrates o questiona:

> 385a *Sócrates* – Como! Se eu dou nome a uma coisa qualquer, digamos, se ao que hoje chamamos homem, eu der nome de cavalo, a mesma coisa passará a ser denominado homem por todos, e cavalo por mim particularmente, e, na outra hipótese, homem apenas para mim, e cavalo para todos os outros? Foi isso o que disseste?
> Hermógenes – Sim; é assim que penso. (PLATÃO, 1988, p.104).

Após Hermógenes expor sua concepção de mudança de um nome, conforme a sua necessidade ou vontade de um grupo de pessoas. Sócrates tenta mostrar que não seria desta forma, podendo até existir certo grau de convencionalismo, ou seja, um mesmo objeto pode ser chamado por nomes diferentes nas diversas línguas, nos dando a possibilidade de troca-los à vontade, todavia, a comunicação se tornaria impossível.

A pretensão de Sócrates em alguns momentos do diálogo é mostrar tanto para Hermógenes, quanto para Crátilo, equívocos em suas teses. Tendo nesse momento, a discussão da verdade e da falsidade, propostas por Sócrates afirmando *"a proposição que se refere às coisas, como elas são é verdadeira, vindo a ser falsa quando indica o que elas não são".* (PLATÃO, 1988, p.104) e essa verdade ou falsidade, é possível dizer por intermédio da palavra que contém o nome, a sua parte menor, se esses nomes podem ser falsos ou verdadeiros, *"ambas as teses levam à consequência de que é impossível dizer o que não é, porque dizer o que é significa não dizer"* (ABBAGNANO, 1998, p. 616). Segundo Sócrates o nome de Hermógenes não é verdadeiro, pois não diz o ser.

Sócrates através de questionamentos desmonta os argumentos convencionalistas de Hermógenes e tenta propor uma concepção alternativa, segundo a qual haveria uma natureza, uma essência, podendo ser entendida como a noção platônica de "Ideia". Diferentemente do que pensa Crátilo, não seria o fluxo incessante, mas a estabilidade. Essa natureza estável se espelharia nos nomes, através de sinais não apresentados nas etimologias, mas no mundo das ideias, podendo ser relembrado, através do processo dialético. Sócrates ainda acrescenta sobre as essências naturais:

> 386 e *Sócrates* – Ora, se as coisas não são semelhantes ao mesmo tempo, e sempre para todo mundo, nem relativas a cada pessoa em particular, **é claro que devem ser em si mesmas de essência permanente**; não estão em relação conosco, nem na nossa dependência, nem podem ser deslocadas em todos os sentidos por nossa fantasia, porém existem por si mesmas, de acordo com sua **essência natural.** (PLATÃO, 1988, p. 106) (Grifo nosso).

Para Sócrates, *"as essências existem em si e por si mesmas"* (REALE, 1990, p. 137) sempre que esse termo aparece no diálogo é a concepção platônica do mundo das ideias, que é retomada através do personagem Sócrates, para retratar a teoria dos dois mundos. Sócrates é o personagem que Platão utilizou no diálogo *Crátilo* para apresentar a concepção de verdade ao mediar às teses opostas utilizando o método dialético, na

tentativa de recuperar resquícios dos conceitos verdadeiros dos nomes que se detêm somente no mundo inteligível. Para isso, Hermógenes e Crátilo deveriam refletir sobre suas pseudoverdades e apreender com Sócrates a verdade presente no mundo das ideias.

Sócrates apresenta para Hermógenes exemplos de ações, que devem ser executadas conforme a sua natureza, na tentativa de conseguir elucidar o porquê do nome ser um instrumento da fala e ambos serem ações, como no seguinte trecho:

> 387b *Sócrates* – (...) no caso de desejarmos queimar alguma coisa, não devemos fazê-lo de qualquer jeito, como nos dita a fantasia, mas pelo modo certo, que é o modo indicado pela natureza para queimar e ser queimado e com os meios apropriados. (PLATÃO, 1988, p. 107).

Tal argumentação é a tentativa de levar Hermógenes ao conhecimento de que as coisas possuem uma essência natural, mostrando atividades desenvolvidas pelo homem. Porém, exigem ser operadas de acordo com a natureza do objeto, pois devem ser executadas conforme a necessidade de sua origem. Visto que, essas possuem natureza própria e é de desacordo vir a praticar algo que não seja em comum acordo com a sua gênese; além de fazer analogias, com o falar, que é também uma forma natural e remete a uma ação.

> 387 d *Sócrates* - (...) convirá nomear as coisas pelo modo natural de nomeá-las e serem nomeadas, e pelo meio adequado, não como imaginamos que devemos fazê-lo, caso queiramos ficar coerentes com o que assentamos antes. Só por esse modo conseguiremos, de fato, dar nome às coisas; do contrário, será impossível. (PLATÃO, 1988, p.107).

O nomear é uma ação e precisa estar de comum acordo com sua própria natureza, podemos entender um nome conforme sua natureza, como o mesmo que sua essência natural. A essência da coisa segundo a ordem, ou a ordenação que ela tem para sua própria atuação, porquanto, coisa nenhuma há desprovida de uma atuação própria. (ABBAGNANO, 1998).

Devemos recuperar a forma da coisa pelo que ela é, pelo seu verdadeiro conceito, o qual está implícito em nossa alma e podemos relembrar através da dialética e aprender a verdade dos nomes pela sua essência. Na tentativa de evidenciar tal noção, Sócrates apresenta o nome como instrumento para Hermógenes, fazendo analogia com demais objetos:

> 387e *Sócrates* – E o que é preciso tecer terá de ser tecido com algo? E o que for para furar será furado com algum instrumento?
> *Hermógenes* – Perfeitamente.
> *Sócrates* – E o que for preciso nomear, terá de ser nomeado com alguma coisa?
> *Hermógenes* – Isso mesmo.
> (...)
> *Sócrates* – E o com que tecemos?
> *Hermógenes* – Lançadeira.
> *Sócrates* – E o com que nomeamos?
> *Hermógenes* – O nome.
> (PLATÃO, 1988, p. 108)

Essa relação é feita tão somente com o intuito de evidenciar, que não devemos ir ao nome, mas, sim, as essências. 388c VIII-*Sócrates "– O nome, por conseguinte, é instrumento para informar a respeito das coisas e para separá-las, tal como a lançadeira separa os fios da teia"* (PLATÃO, 1988, p.109). Desta forma, Sócrates relaciona o nome com a lançadeira, mostrando que a tentativa do nome é informar, porém esse não tal capacidade, pois é mero instrumento. Ele tão somente, separa as coisas como a lançadeira separa os fios da teia.

Segundo a tese de Hermógenes, a convencionalista, quem estabelece os nomes seria um 'legislador', ou seja, quem ou aquele que estabelece leis, regras, num determinado campo das artes, do saber (pessoa que possui a arte de nomear na obra Crátilo). (HOUAISS, 2009).

Todavia, Sócrates mostra que não é possível uma pessoa ser diferente de nós se ela é tão ser humano quanto nós, vir a possuir a arte de estabelecer os nomes. Para isso, ele argumenta mostrando a Hermógenes o equívoco em sua tese:

> 389 e *Sócrates* - (...) o nosso amigo legislador deverá saber formar com os sons e as sílabas o nome por natureza apropriado para cada objeto, compondo todos os nomes e aplicando-os com os olhos sempre fixos no que é o nome em si (PLATÃO, 1988, p.110).

Sócrates leva Hermógenes a perceber que o conhecimento das coisas possui uma essência natural. Desta forma, ele expõe que para aplicar os nomes corretamente o "legislador" tem que *"aplicar com os olhos fixos no que é o nome em si"* (PLATÃO, 1988, p.110), ou seja, o nome tem que se adequar ao ser.

Enquanto Sócrates tenta fazer com que Hermógenes repense sua opinião sobre o que ele acha justo em relação aos nomes, começa a verdadeira arte do diálogo: a exposição e confronto de teses, para uma discussão, que provoca várias reflexões. Possibilitando assim, o diálogo como arte natural, uma aprendizagem que nasce, a partir

da exposição apresentada pelo olhar do outro, oferecida a nós, através de uma reciprocidade de conhecimentos estabelecida através dos degraus da dialética.

Crátilo defende haver justeza nos nomes por estes serem, em sua concepção, inerentes à natureza. Para ele, existe uma relação entre o nome e a coisa nomeada, e somente através do nome, pode ser revelada. Por isso, devemos buscar o que sejam as coisas através de seus nomes, pois, na concepção de Crátilo cada coisa recebe um nome justo, conforme a sua natureza. Portanto, quem conhece as palavras, conhece também as coisas.

Assim como Hermógenes, Crátilo tem a crença da existência de um legislador e através do nome, é que conhecemos a coisa, diferente do que pensa Sócrates:

> 435e *Sócrates* (...) afirmas que quem conhece o nome conhece também a coisa. Crátilo – É exatamente isso. (PLATÃO, 1988, p.170).
> (...)
> 439b *Sócrates* (...) que não é por meio de seus nomes que devemos procurar conhecer ou estudar as coisas, mas, de preferência, por meio delas próprias. (PLATÃO, 1988, p.175).

Não é o nome que determina algo, são as essências, por isso, o nome é tratado e mostrado como um instrumento. Segundo Sócrates, não precisaríamos necessariamente recorrer a eles para conhecer ou estudar as coisas, mas, sim, por meio delas próprias, ou seja, a partir das essências.

Na respectiva reflexão se evidenciou uma verdade, que seria a ideia platônica que permeia o cenário desta obra, a qual Sócrates enquanto mediador representa a verdade, por ter a tentativa de mostrar que o nome não diz o que é a coisa, ele apenas as separa umas das outras, e mesmo assim tem pessoas e objetos com o mesmo nome, portanto, devemos ir às coisas por elas mesmas, ou seja, as suas essências, pois é esta que revela o ser.

Ao pensarmos as teses naturalista e convencionalista, discutidas no diálogo se evidencia que a verdade não está com Crátilo, credor da perspectiva naturalista dos nomes, e nem com Hermógenes, o da via do hábito e consenso, mas, sim, com Sócrates que no diálogo seria o meio termo, cujo principal objetivo foi fazer com que os participantes da conversa percebessem que através da dialética é possível aprender sobre os nomes.

Todavia, ao final do diálogo, mesmo após toda tentativa socrática, ambos não abandonam suas amarras então Sócrates diz para Crátilo: 440e *"(...) Agora, conforme o*

determinaste, parte para o campo; Hermógenes te fará companhia". (PLATÃO, 1988, p.177). Ambos participantes do diálogo não foram capazes de desposarem de suas pseudoverdades e refletirem com Sócrates sobre as essências, desta forma, o diálogo terminar em aporia.

O que não seria o fracasso de Sócrates enquanto mediador, mas, sim, a dificuldade natural do ser em abandonar o que lhe é próprio, ou seja, despojar-se de suas crenças inatas e refletir através das vias de aprendizado e vir a ascender com a utilização da dialética.

3. Crátilo: Silenciado – Silêncio – Silencioso

Crátilo, por dar nome à obra platônica, é o personagem que tem menos voz no diálogo. Partindo deste ponto, temos um leque de possibilidades para o silêncio, o qual para ser compreendido, necessita entender suas ramificações, silencioso e silenciado, da palavra silêncio. Na pretensão de perceber a existência de uma diferença entre o significado dos vocábulos:

Segundo o Dicionário de Língua Portuguesa Houaiss (2009), temos as seguintes definições para a palavra silêncio:

> *Silêncio* - estado de quem se cala ou se abstém de falar. ²privação, voluntária ou não, de falar. *Silenciado* – vem do verbo silenciar (manter silêncio sobre; não fazer ruído; calar(-se)); *Silencioso* - que ou aquele que é calado, taciturno, que guarda silêncio. (HOUAISS, 2009 p.1743).

Ao longo da obra, são inevitáveis alguns questionamentos: qual seria o motivo pelo qual Crátilo em grande parte do diálogo, está em silêncio? Seria esse silêncio uma ausência do personagem durante a conversa de Hermógenes e Sócrates? Ou uma presença silenciada? Para refletir sobre o silêncio necessita-se perceber a forma em que este acontece na obra, se é devido ao fato do Crátilo ser silencioso, ou se em determinado momento da obra ter sido silenciado por algum personagem do diálogo?

Unindo os questionamentos às definições do Houaiss (2009, p. 1734), se faz necessário apresentar alguns trechos do diálogo *Crátilo*, para reflexão proposta: *"383a Hermógenes: Admitiremos Sócrates, como participante na nossa discussão? Crátilo: Se assim preferires."* (PLATÃO, 1988, p.35). Após essa fala, temos Hermógenes apresentando a tese defendida por Crátilo:

> 383 a-b *Hermógenes* – Sócrates, o nosso Crátilo sustenta que cada coisa tem por natureza um nome apropriado e que não se trata da denominação que alguns homens convencionaram dar-lhes, com designá-las por determinadas vozes de sua língua, mas que, por natureza, têm sentido certo, sempre o mesmo, tanto entre os Helenos como entre os Bárbaros em geral (...). (PLATÃO, 1988, p.102)

Como podemos perceber, Hermógenes foi quem apresentou a tese naturalista defendida por Crátilo. Após essa passagem começam os questionamentos da tese convencionalista de Hermógenes, já apresentada no tópico anterior do presente trabalho. Logo, o importante, é perceber que Hermógenes solicita que Crátilo se pronuncie sobre a participação de Sócrates, e ele concorda. Porém, o personagem não se apresenta mais com palavras. Devido Hermógenes, ao apresentar a sua tese convencionalista, abre espaço a uma propedêutica socrática, isto é, introdução ao método da dialética que a partir dos ensinamentos introdutórios é possível à ascensão do ser ao conhecimento e a contemplar as ideias no mundo inteligível.

> 383b *Hermógenes*- (...) E como eu insista em interrogá-lo, desejoso de apanhar o sentido do que ele diz não me dá resposta clara e ainda usa de ironia, como querendo insinuar que esconde alguma coisa de que tenha conhecimento, que me obrigaria – no caso de resolver-se a revelar – ma – a concordar com ele e a falar como ele fala. Por isso, se tiveres meio de interpretar o **oráculo de Crátilo**, gostosamente te ouvirei. Porém com maior prazer, ainda, ficarei sabendo o que pensas a respeito da exata aplicação dos nomes, se isso for do teu agrado. (PLATÃO, 1988, p. 102) (Grifo nosso).

Hermógenes se mostrando persistente na busca pela verdade insiste em interrogar o personagem Crátilo. Desta forma, Sócrates, se torna mais um participante do diálogo. Enquanto, percebemos pelo excerto da obra que Crátilo esteve presente durante todo diálogo, no entanto se manteve em anuência silenciosa, até novamente ser solicitado por Hermógenes:

> 427a XXXVIII – *Hermógenes* – (...) Dize-me agora, Crátilo, aqui em frente de Sócrates, se te agrada o que ele expôs a respeito dos nomes, ou se tens a alegar coisa melhor. Sendo esse o caso, fala, ou para aprenderes com Sócrates, ou para nos ensinares a nós dois. (PLATÃO, 1988, p.159)

A maneira que Hermógenes recorre a Crátilo é como se ele fosse um "oráculo" dos nomes, até por ele ser o que utiliza o termo "justeza dos nomes" e dizer que os nomes são justos e corretos da maneira que são estabelecidos. É evidente a participação de Crátilo, somente quando solicitado. Enquanto o personagem, Hermógenes, dialoga com Sócrates para desvendar o "oráculo de Crátilo", o qual foi silenciado dando a voz a

Sócrates, Crátilo continuou no diálogo como ouvinte, acompanhando a exposição acerca dos nomes, mas expôs o seu posicionamento somente quando lhe foi requerido.

Uma possível leitura pode ser feita a partir do personagem Crátilo e o silêncio. Tal interpretação só é percebida e possível ao final da obra, que é a sua própria justeza que ele afirma haver nos nomes, a qual o nome é justo por natureza, por isso, os nomes estabelecidos são justos de acordo com o objeto sem haver a possibilidade de mudança.

> 427a XXXVIII – *Hermógenes* – O certo, Sócrates, é que Crátilo quase sempre me dá muito trabalho, **conforme disse no começo, quando afirma haver justeza nos nomes,** mas sem dizer claramente em que consiste, de forma que eu fico sem saber se é de caso pensado ou sem querer que ele sempre se exprime a esse respeito em termos obscuros(...). (PLATÃO, 1988, p.158) (Grifo nosso).

No diálogo, o personagem Crátilo provoca a investigação da justeza dos nomes por afirmar que cada "coisa" ou pessoa tem um nome apropriado (exceto Hermógenes), se tornando um enigma para os demais personagens; que ao final da obra, solicitam que ele revele qual a verdade sobre a *"justeza dos nomes"*. Ao ser refutado por Sócrates, Hermógenes discorda muitas vezes dos seus questionamentos, de forma que não abandona a sua crença de que cada nome é justo por natureza, por isso, os nomes estabelecidos são esses que lhe são designados sem haver a possibilidade de mudança. Portanto, é como se "a justeza dos nomes" que ele afirma existir e não expõe claramente para Hermógenes na sua primeira fala no diálogo, todavia esta mesma explicação, o silencia na medida em que ele não expõe claramente esse pensamento no início do diálogo, o que leva Hermógenes recorrer a Sócrates.

Após toda propedêutica socrática, Hermógenes e Sócrates recorrem a Crátilo com a pretensão de ouvi-lo, acerca de tudo que eles expuseram, enquanto o mesmo parece guardar a verdade. Tudo ocorre a partir da exposição da justeza dos nomes, que é o posicionamento dele (Crátilo).

4. Verdade no Diálogo *Drátilo* – Vista sob a Perspectiva Platônica

O diálogo *Crátilo* é dito ser da correção dos nomes ou da justeza dos nomes; ambos os termos, correção ou justeza, não são empregados na obra platônica com o intuito de evidenciar que exista algo não justo, ao qual se deveria atribuir a justeza e nem de que algo esteja incorreto para que necessite de uma correção. O aposto apresentado tem o sentido de integridade, ou seja, a própria verdade, isto é, para Platão existe uma relação entre o mundo das ideias, as coisas e os nomes. Ressaltando que

quando ele retoma a ideia, ele remete à possibilidade de se chegar à verdade através do processo dialético por intermédio da linguagem. Ao questionar o outro, é possível levá-lo a refletir sobre seus pensamentos e este assim, se torna capaz de recuperar resquícios do conhecimento ideal aprendido no mundo das Formas.

Tais ideias seriam como protótipos, que poderiam ser contempladas pelo homem, graças a uma faculdade existente na alma, um órgão semelhante a um olho (Rep. 518 c), que seria dirigido para as ideias por meio de um método específico: o dialético (Rep. 533 d). Por tal método, aquele olho da alma, seria afastado do que é superficial e conduzido para o alto, para o que permaneceria sempre, independente das mudanças aparentes, até a parte mais brilhante do Ser. No lado oposto, no de baixo encontrar-se-ia a existência terrena, o mundo sensível, comparado pelo filósofo a um buraco na terra, no qual o homem se encontraria acreditando estar em sua superfície exterior (PASCHOAL, 2009).

Sócrates é eleito por Platão para mediar à discussão das teses, além de ser o personagem escolhido pelo filósofo para incluir na obra *Crátilo,* a sua teoria das ideias, por meio do diálogo e da discussão acerca dos nomes, na qual Sócrates tenta que ambos participantes da conversa, se despojem das suas pseudoverdades, pois Platão cria que somente quando Hermógenes e Crátilo abandonassem um posicionamento fixo e metódico poderiam refletir com um novo olhar, vindo a se libertar de suas amarras, que não passam de ilusões, sombras, do que seja a verdade. Desta forma é possível fazer uma alusão à alegoria da caverna, a partir de uma breve reflexão comparada entre o diálogo Crátilo e o respectivo trecho do livro VII de *A República*, de Platão, que nos apresenta:

> 514 a - b (...) homens em uma morada subterrânea em forma de caverna, provida de uma única entrada com vista para a luz em toda a sua largura. Encontram-se nesse lugar, desde pequenos, pernas e pescoço amarrados com cadeias, de forma que são forçados a ali permanecer e a olhar apenas para frente, impossibilitados, como se acham, pelas cadeias, de virar a cabeça. A luz de um fogo aceso a grande distância brilha no alto e por trás deles; entre os prisioneiros e o foco de luz há um caminho que passa por cima, ao longo do qual imagina agora um murozinho, à maneira do tabique que os pelotiqueiros levantam entre eles e o público e por cima do qual executam suas habilidades. (...) 515 a (...) ao comprido desse murozinho homens a carregar toda a sorte de utensílios que ultrapassam a altura do muro, e também estátuas e figuras de animais, de pedra ou de madeira, bem como objetos da mais variada espécie. Como é natural, desses carregadores uns conversam e outros se mantêm calados. (PLATÃO, 1988, p. 281).

Com essa alegoria é possível fazer uma reflexão com a distinção dos dois planos do ser, os quais seriam o plano metafísico e o plano físico. O mundo sensível corresponde ao plano físico, e o mundo inteligível ao plano metafísico, este para Platão se relaciona com as coisas da natureza não física.

Sendo a caverna o mundo sensível, no qual sempre somos aprisionados às "amarras" que nos limitam e nos fazem acreditar em imagens projetadas, meras sombras, ilusões, como se fossem a verdade, a realidade. Todavia, esta é mera ilusão, da qual aceitamos as sombras impostas pelas "cavernas", muitas vezes, sem questioná-las, e sem nos darmos conta, aceitamos o obscuro e vivemos acreditando nas sombras, meras ilusões, e consequentemente sem a busca do conhecimento.

Por outro lado, temos as ideias, que se presentificam no mundo das formas; essas ideias são modelos únicos e perfeitos de todas as coisas que existem, são as verdades em si, a luz, através dela o nosso ser contempla todas as coisas (RIBEIRO, 1988). Na perspectiva da comparação seria o lado exterior a caverna, onde realmente as coisas estão acontecendo e não sendo somente às sombras desse acontecer.

Quem se liberta das "correntes", prisões da obscuridade, conhece a luz, ou seja, é capaz de conhecer a verdade, de recuperar o conhecimento que já está em sua alma que antes de ter um corpo contemplou todas as verdades do mundo das ideias, só precisa se dispor à dialética de forma que é possível relembrar o conhecimento verdadeiro que já está em nós. Basta à disposição em aprender e se libertar da "caverna".

Alegoria da caverna serviu como base para expor os degraus do conhecimento a partir da dialética, através da discussão de teses opostas "naturalismo" e "convencionalismo", no qual, no primeiro o nome é o que é justo, correto, e não deve ser mudado, e na segunda eles podem mudar sem alterar o sentido.

A partir dessa perspectiva, Sócrates estaria tentando enquanto mediador das teses fazer com que Hermógenes e Crátilo percebessem que o mundo sensível não passa de ilusão e este seria somente as sombras da verdadeira realidade que se encontra nas ideias.

O primeiro conceito acerca da verdade enquanto correspondência, é apresentado por Platão pela primeira vez no diálogo *Crátilo* no trecho 385 b *Sócrates - "Sendo assim, a proposição que se refere* ***às coisas como elas são****, é verdadeira, vindo a ser falsa quando indica o que elas não são".*(PLATÃO, 1988, p.104)(Grifo nosso).

Tal fragmento da obra emparelha-se com o dizer de Parmênides *"O ser é, e não pode não-ser"* (RIBEIRO, 1988, p.22). Ao afirmar a existência de um não ser, pensamos o principio de negação devido ao "não", todavia o não-ser pode ser visto como "diversidade" ou "alteridade", pois toda ideia, para ser a ideia que realmente é, tende ser diferente de todas as outras, de forma a não ser todas as outras. Na medida em que toda ideia possui certa dose de ser e ao mesmo tempo de não-ser, infinito no sentido de que exatamente por ser a ideia que é, deve não ser todas as outras. (REALE, 1990).

As coisas como são, sendo verdadeira, referimos às essências, pois a verdade está sob a perspectiva platônica de ideia, na realidade imutável do mundo das formas, ou seja, uma realidade em si. O conceito de correspondência é o mais antigo e divulgado e Platão foi o primeiro a inserir tal abordagem acerca da verdade em uma obra.

Considerações Finais

A partir do diálogo *Crátilo,* de Platão foi possível chegar até a reflexão acerca de uma verdade existente no mundo das ideias, de forma que esta não seria o fluxo incessante como afirma Crátilo, mas a estabilidade puramente inteligível e perene.

Sócrates na tentativa de fazer os personagens do diálogo abandonarem as suas supostas opiniões sobre os nomes e o seu conceito, não conseguiu que os mesmos desposassem das suas crenças e ascendessem aos degraus do conhecimento da dialética proposta.

Embora Crátilo e Hermógenes concordassem algumas vezes com as exposições e os questionamentos de Sócrates, as "amarras" da obscuridade na crença deles em suas teses fizeram com que não pudessem refletir sobre as mesmas e todo processo dialético no qual estavam envolvidos, portanto, continuaram acorrentados em suas "cavernas".

Várias coisas tem o mesmo nome, todavia o que as diferencia não são os nomes, mas as essências. Hermógenes e Crátilo acreditam que a verdade está nos nomes, porém os nomes não são capazes de dizer as essências, afinal, várias pessoas e objetos podem ter o mesmo nome, contudo o que diferencia uma pessoa da outra não é o nome, mas, sim, o ser, portanto o nome não conseguiu dizer o ser, por isso, no *Crátilo* os nomes são tratados como "meros instrumentos".

No que se refere à existência de uma verdade, esta se encontra com Sócrates, por ele ser o meio termo entre as duas teses, que são opostas e carregam em si, a essência da

dialética, o debate entre vias contrárias, que levam a reflexão e que não visam um resultado, mas, sim, o pensar sobre um respectivo assunto e discutir sobre ele através do diálogo.

Hermógenes e Crátilo acreditavam que a verdade está nos nomes, porém Sócrates expõe a impossibilidade do nome dizer a essência do ser que só é perfeita no mundo das ideias, pois, a verdade imutável existe somente nas ideias que podem ser rememoradas, através da dialética, recuperando o conhecimento nato que já está em nós.

Esse mundo sensível dos nomes é apenas reflexo, sombras, como Platão apresenta na alegoria da caverna. E através da dialética é possível chegar à luz e sair do obscuro, porém é um vasto percurso, e uma caminhada constante abandonar as pseudoverdades e ascender ao conhecimento da verdade, ao contemplar as ideias.

Referências

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia***.** Trad. Alfredo Bosi. 2ªed., São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANAXIMANDRO, PARMÊNIDES, HERÁCLITO. *Os pensadores originários.* Introd. Emmanuel Carneiro Leão; trad. Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. 4 ed; Bragança Paulista: São Francisco, 2005.

BINI, E. *Crátilo (ou da correção dos nomes). In: Diálogos VI*. Bauru/SP: EDIPRO, 2010.

CHAUÍ, M. A linguagem. In: *Convite à filosofia.* São Paulo: Ática, 1995.

CRYSTAL, D. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

DUROZOI, G & ROUSSEL, A. *Dicionário de filosofia*. 5ªed. Tradução Marina Appenzeller. - Campinas, SP: Papirus, 1993.

HOUAISS, A; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.* 1 ed., Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MORENTE, M. G. *Fundamentos de filosofia:* lições preliminares. 8. ed., São Paulo: Mestre Jou, 1990.

ORLANDI, E. P.. *As formas do silêncio:* no movimento dos sentidos. 6ªed., Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PASCHOAL, A. E. Transformação Conceitual. *Revista Trágica:* Estudos sobre Nietzsche*,* Rio de Janeiro, nº2, p. 17-30, 2ºsemestre/2009.

PINHO, K. R. O. *'ΟΜΟΛΟΓΕΙΝ' A mesma coisa, só que diferente. (Acontecência de poesia-(e)-pensamento)* Rio de Janeiro: UFRJ/ Programa de Pós – Graduação em Ciência da Literatura, 2009. (Tese de Doutorado).

PLATÃO. *A república.* Livro 7º. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 1988.

PLATÃO. *Diálogo – Crátilo (ou da Justeza dos Nomes).* Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 1988.

REALE, G. *História da filosofia:* Antiguidade e Idade Média. Volume I. 6. ed., São Paulo: Paulus, 1990.

REIS, C. & LOPES, A. C. M. *Dicionário de narratologia.* 5ªed., Coimbra: Almeida, 1996.

RIBEIRO, J. C. *Platão:* Ousar a utopia**.** São Paulo: FTD, 1988.